



Para além do som: o rádio como suporte para a construção de imagens para os deficientes visuais¹

Lívia Moreira BARROSO²
Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa/PB.

RESUMO

O presente trabalho faz uma pesquisa que tem por objetivo entender que o rádio é o veículo de comunicação, que por meio de suas mensagens faladas incentivam a formação de imagens para as pessoas que por motivos patológicos vivem imersas em um mundo de “escuridão”. Para o desenvolvimento do artigo, utilizamos a metodologia da Entrevista em Profundidade, sendo possível identificar através das falas dos entrevistados, que o rádio é determinante para os deficientes visuais, não só apenas como um meio que transmite informações, mas também como um suporte para a criação de um mundo imagética para os que não enxergam.

PALAVRAS-CHAVE: Imagem. Imaginação. Deficientes Visuais. Rádio.

INTRODUÇÃO

Nos dias atuais, podemos dizer que vivemos em um mundo imagético. Ao andar por as ruas das cidades nos deparamos com cartazes, *outdoors*, placas e inúmeras outras coisas, que exigem de nós a visão. Essa mesma realidade está nos meios de comunicação, que em sua grande maioria se alimentam do visual (fotos, vídeos) para conquistarem o público e se manterem vivos no concorrido mundo das comunicações.

Porém, um público específico não pode usufruir desse mundo imagético que é posto a nossa frente todos os dias, estamos falando dos deficientes visuais. Segundo informação da Fundação Dorina Nowill³ baseadas no último censo demográfico realizado em 2010 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o Brasil tem uma população de mais de 6,5 milhões de pessoas com alguma deficiência visual⁴.

¹ Trabalho apresentado no DT 5 – Rádio, TV e Internet do XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 12 a 14 de junho de 2013.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Culturas Midiáticas – PPGC/UFPB.

³ Fundação localizada na cidade de São Paulo, que desenvolve trabalhos para a inclusão de deficientes visuais no mercado de trabalho, além de pesquisar sobre a cegueira. Disponível em:

<http://www.fundacaodorina.org.br/deficiencia-visual/>.

⁴ É deficiente visual toda pessoa que tem cegueira total ou visão subnormal. A visão subnormal é “[...] incapacidade de enxergar com clareza suficiente para contar os dedos das mãos a uma distância de três metros, à luz do dia; em outras palavras, trata-se de uma pessoa com resíduos de visão” (CADERNOS DA TV ESCOLA, 2000, p. 6).



Com esse dado estatístico é possível perceber que, os deficientes visuais na atualidade, levando em consideração as inúmeras possibilidades da comunicação por meio da imagem, ficam excluídos do processo comunicacional oferecido por veículos de comunicação como: jornais, revistas, televisão e internet, que exigem de seus públicos a visão.

Nesse contexto, é entendido que somente o rádio, por ser um meio totalmente sonoro é capaz de atender todas as necessidades dessa parcela significativa da população, uma vez que, além de levar informação e entretenimento aos cegos, ele também incentiva a imaginação e o mundo “visual” dessas pessoas, através da sua linguagem descritiva, como abordaremos nesse trabalho.

Com a realização deste trabalho, espera-se estimular outras pesquisas nesse campo de estudo e contribuir para os debates e reflexões acerca da temática, levando estudiosos e pesquisadores da comunicação e áreas afins a elucubrar sobre as questões do rádio, assim como dos demais meios de comunicação, e a importância desses para os deficientes visuais.

RÁDIO: INCLUSÃO, LINGUAGEM ORAL E IMAGINAÇÃO

Os meios de comunicação além de levarem informações para as pessoas exercem outra função, que diz respeito ao poder de influenciar na vida social, capaz de contribuir para a construção de uma sociedade inclusiva.

Em se tratando do rádio, o que podemos perceber é que, mesmo com o passar dos anos e com o surgimento de novos veículos de comunicação, ele ainda desempenha um papel fundamental na vida das pessoas com alguma limitação, seja ela física, mental ou intelectual.

De acordo com Roquette Pinto (apud FERRARETO, 2001, p.97), “o rádio é o jornal de quem não sabe ler; é o mestre de quem não pode ir à escola; é o divertimento gratuito do pobre; é o animador de novas esperanças; o consolador do enfermo; o guia dosãos, desde que realizem com espírito altruísta e elevado”.

O rádio atua como um meio de comunicação democrático, de fácil acesso, de baixo custo e que atende aos mais variados públicos. E entre os públicos atendidos pelo rádio, sendo este o “meio a que os deficientes visuais recorrem e têm mais acesso, até porque é um veículo facilitador na transmissão da informação, já que com um simples



toque (ato comum aos deficientes visuais) pode-se, a qualquer momento, ligá-lo e ficar a par dos fatos no decorrer do dia” (GODOY 2002, p. 19).

Os deficientes visuais veem no rádio a possibilidade de um veículo de comunicação completo, adequado às suas necessidades, uma vez que, não é preciso do uso da visão para o entendimento da mensagem radiofônica.

Os cegos são, muitas vezes, beneficiados por este meio eletrônico (o rádio). Esta parcela da população, discriminada em certas circunstâncias da vida ou por não conseguirem um emprego ou por serem alvo de olhares curiosos e rebaixadores de alguns membros da sociedade, só encontram, muitas vezes, neste veículo o caminho para se informarem sobre os fatos que ocorrem fora de seus ambientes familiares, já que são poucos os que têm acesso a uma revista em braille e quase todos nunca tiveram nas mãos um jornal nestes moldes (GODOY, 2002, p.101).

O rádio é o único veículo essencialmente oral e atua como um incentivador da imaginação do cego. Esse veículo é responsável por manter o deficiente visual informado e conseqüentemente incluso dos acontecimentos que ocorrem na sociedade.

Por a sonoridade ser a sua principal característica, uso da linguagem adequada é determinante para o alcance dos mais variados públicos, que são atingidos exclusivamente por esse meio de comunicação, como por exemplo: os deficientes visuais, analfabetos e os que habitam lugares com a ausência de eletricidade. E para isso a linguagem radiofônica deve ser simples e de fácil compreensão.

Nas primeiras transmissões do rádio, o que era falado pelos locutores era baseado e em muitos casos apenas uma leitura do que era publicado nos jornais impressos. Com o passar dos anos, o rádio ganhou características próprias, os profissionais perceberam que “[...] o jornalismo escrito para o microfone não poderia ser da mesma maneira que para o jornal [...]” (MEDITSCH 2001, p. 182). A partir daí, a linguagem do rádio começou a ter características próprias, entre elas à utilização de frases curtas e objetivas.

De acordo com Alves (1989) citado por Godoy (2002, p. 60), “é fundamental fazer uma linguagem visual, criar imagens na mente de quem escuta. A linguagem deve ser a mais descritiva possível, de modo que o ouvinte veja, sinta e viva a situação.” Além, da questão da visualidade que a linguagem do rádio deve proporcionar no ouvinte, Hartmann e Muller (1998), afirmam que para uma boa comunicação por meio do veículo citado, a linguagem do mesmo deve ser:



- 1) ‘Clara’ – a linguagem tem que ser de fácil compreensão, não havendo dificuldades para o seu entendimento por parte de quem ouve.
- 2) ‘Breve’ – com essa característica, o ouvinte terá uma compreensão imediata da mensagem transmitida, ou seja, que está falando deve ir direto ao assunto que deseja passar, sem grandes rodeios.
- 3) ‘Repetitiva’ – é fundamental para que o receptor possa entender e gravar a mensagem. É importante lembrar, que não se deve repetir a mesma informação diversas vezes, para não se tornar cansativo, mas sim, em momentos estratégicos, para que aquele ouvinte que não ouviu ou entendeu possa compreender o que está sendo dito.
- 4) ‘Ativa’ – a linguagem tem que ser alegre, dinâmica, positiva para prender a atenção de quem ouve.
- 5) ‘Nova’ – que ouve sempre as mesmas expressões sempre se cansa, então deve-se sempre renovar e variar o vocabulário, mas sempre com cuidado para não tornar a linguagem complexa.
- 6) ‘Humilde’ – o locutor deve falar para o seu ouvinte sem impor barreiras, falar de igual para igual, ser amigo de quem está do outro lado do rádio.
- 7) ‘Persuasiva’ – o interesse do locutor deve ser que o ouvinte compartilhe de suas ideias, e para isso e deve usar uma linguagem forte e convincente, onde mantenha o público já existente e conquiste quem não divide os mesmos pensamentos, criando assim, uma relação de cumplicidades entre público e locutor.
- 8) ‘Concreta’ – o locutor deve expor ideias definidas, e não apresentar o que não possa a vir a ser de interesse do ouvinte.
- 9) ‘Visiva’ – de acordo com os autores (1998, p. 83), “ Quem escuta é ‘cego’. O meu ouvinte pode somente me escutar. Contar apenas com a audição significa que minha palavras deverão ser tão claras, ao ponto de permitir que ouvinte ‘veja’ aquilo que digo.”
- 10) ‘Particular’ – o ouvinte é único, então a linguagem ela deve ser sempre no singular se dirigir diretamente para cada pessoa, para que ele possa se sentir importante.
- 11) ‘Rítmica, musical, agradável’ – como a voz é de fundamental importância, é significativo que o tom da fala seja adequado para cada momento, variado além do tom o ritmo de acordo com o texto.

Por não ter imagens para auxiliar no entendimento da mensagem, o modo de falar no rádio requer do locutor um cuidado especial, uma vez que, “o rádio é um meio cego, mas pode estimular a imaginação, de modo que logo ao ouvir a voz do locutor o ouvinte



tente visualizar o que ouve, criando na mente a figura do dono da voz” (MCLEISH 2001, p.15).

A forma que o locutor pronuncia as palavras no rádio é essencial para o processo de estímulo para a imaginação de quem escuta. Segundo Quinteiro (2007, p. 138), “para um ator (locutor) a palavra não é apenas um som, é uma evocação de imagens”, ou seja, é através do bom uso das palavras que os locutores permitem o processo de formação de imagens na mente que ouve.

Para Piernes (1990, p. 77) “a mente humana crê muito mais em sua própria imaginação do que no que seus olhos veem”. O que torna o rádio mais interessante é a ausência de limitações físicas, nesse meio de comunicação quem recebe as mensagens, não está preso às imagens já pré-determinadas, como é o caso da televisão e dos meios impressos, como revistas e jornais.

A ausência de imagens que poderia ser vista como um ponto negativo no rádio torna-se uma característica positiva, pois, o ouvinte tem a necessidade de estimular a sua imaginação, e assim formar a imagem na sua mente, instigada pelo o som transmitido pelo rádio.

Os efeitos provocados pelos sons emitidos pelo rádio afetam mais profundamente a vida de quem o ouve, mas do que imaginamos. Nesse meio eletrônico, as imagens vão além das representadas pelos demais veículos. O rádio tem a capacidade de ser mais envolvente, já que os efeitos emotivos provocados pelo som, e conseqüentemente a formulação de imagens no imaginário de quem escuta pode causar um envolvimento maior no ouvinte. (MCLEISH, 2001)

Para Barbeiro e Lima (2002), a imagem não é tudo. É importante lembrar que as palavras têm a capacidade de estimular o pensamento crítico em quem ouve, uma vez que, a informação radiofônica não vem pronta e acabada como no caso da televisão, o receptor tem por obrigação de escutar e decodificar a mensagem para que possa compreendê-la.

Já para Godoy (2002, p. 46), “o rádio é um meio que pode criar um mundo acústico de realidade”. Para autora (2002, p. 45), esse veículo possibilita a comunicação para os deficientes visuais, sendo para “os textos lidos em uma emissora são as referências aos ouvintes que não conseguem enxergar, pegar ou apalpar”. Podemos perceber que de acordo coma a autora acima citada, essa uma das características que é de fundamental importância, e deve ser o mais auto-descritiva, para que a mensagem transmitida no rádio possa ser compreendida e imaginada por seus mais variados



públicos, sejam do mais letrado ao analfabeto, ou do deficiente ao com os sentidos perfeitos.

METODOLOGIA DE PESQUISA

A metodologia de pesquisa utilizada para o desenvolvimento desse artigo foi à entrevista em profundidade. De acordo com Jorge Duarte (2006) a entrevista em profundidade é uma metodologia específica dos trabalhos em comunicação. Para autor (2006, p. 62) tal método,

Explora um assunto a partir da busca de informações, percepções e experiências de informantes para analisá-las e apresentá-las de forma estruturada. Entre as principais qualidades dessa abordagem está a flexibilidade de permitir ao informante definir os termos da resposta e ao entrevistador ajustar livremente as perguntas. Este tipo de entrevista procura intensidade nas respostas, não quantificação ou representação estatística.

Nesse contexto, ressalta-se que para a elaboração dos questionários foi escolhida a categoria de entrevista semiaberta, que é uma subdivisão da entrevista em profundidade. A entrevista semiaberta tem como origem um roteiro de “questões-guia”, que dão suporte para a orientação do pesquisador na hora da entrevista. Esse tipo de entrevista por ter um roteiro de perguntas, evita que alguma questão deixe de ser perguntada ao entrevistado, e assim, consegue captar todos os pontos mais relevantes sobre a temática em estudo.

BREVE APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

Os dados presentes na pesquisa, como já mencionado, foram coletados através do método da entrevista em profundidade, que foram realizadas com três deficientes visuais da APAE da cidade de Picos-Piauí, no período de 02 a 04 de janeiro de 2013.

O primeiro entrevistado para a concretização desse artigo foi o senhor Jorge Ferreira Alves⁵, 46 anos, deficiente visual há 40, residente no bairro DNER na cidade de Picos. Através da entrevista foi possível observar que há uma relação de extrema intimidade entre o entrevistado e o rádio. Segundo ele, “o rádio é importante na minha

⁵ Entrevista concedida a esta pesquisadora no dia 02 de janeiro de 2013.



vida, porque tudo que eu sei, sobre música, ou melhor, tudo que eu sei em qualquer assunto, tudo eu aprendi com o rádio. É por isso, que eu afirmo, o rádio tem uma importância fundamental na minha vida”.

A importância do veículo na sua vida é tão grande que o entrevistado escuta rádio todos os dias, e relata sorrindo que não ouve veículo o dia inteiro porque é “obrigado” a desenvolver outras atividades. Ele afirma que, o horário preferido para ouvir é de manhã bem cedo e meio-dia, pois, “eu gosto muito de ouvir as coisas e guardar, assimilar. E sempre eu gosto de ouvir alguma coisa que eu vou vê que eu não sabia, e pelo rádio. E aí, o silêncio, aquele negócio do silêncio, a gente consegue aprender mais as coisas”.

Direcionando as perguntas para a questão do rádio como um formador de imagens mentais, Alves (2013), afirma que:

O rádio para mim, não só incentiva a minha imaginação, como também me faz viajar por lugares que nunca vi na minha vida, pois, como perdi a minha visão muito cedo, não tenho uma memória visual, então tudo que tenho de imagens na minha mente foi construído por meio dos sons, dos ruídos, das falas dos locutores, que eu escutei e escuto durante toda a minha vida. Então, a coisa que mais gosto e acho que me permite ver muitas coisas é um jogo de futebol transmitido pelo rádio [...] Mas, é importante lembrar, que para a imaginação fluir é preciso um bom locutor de rádio, porque ele consegue passar para a pessoa que ouve muita emoção, seja que tipo de programa for futebol, música, ele está passando uma emoção, coisa que a televisão só quem enxerga é capaz de sentir.

Outra entrevistada em profundidade para a realização desse artigo, foi a senhora Lúcia de Fátima Fortaleza da Silva⁶, 30 anos, deficiente visual também há 30, residente no bairro Centro na cidade de Picos. De acordo com os resultados obtidos com suas respostas, verifica-se que o mais apreciado por ela no rádio são informação e programas religiosos. Entende que o veículo é responsável por atualizá-la do que acontece na cidade e também de promover a fé cristã em quem escuta a programação religiosa.

Ao ser perguntada há quanto tempo escuta rádio, Silva afirma que o meio de comunicação sempre esteve presente na sua vida, desde a sua infância. Ela relata que ouve principalmente de 5 horas às 6 horas, quando está sendo transmitida a missa em uma das emissoras da cidade, e aos jornais que passam por volta do meio-dia. De

⁶ Entrevista concedida a esta pesquisadora no dia 03 de janeiro de 2013.



acordo com a entrevistada, o rádio já foi mais constante na sua vida, mas que atualmente outras atividades impedem de ter uma maior relação com ele. Mas, segundo ela, mesmo que escutando em menor quantidade do que há anos atrás, o rádio continua a fazer parte da sua vida como o meio de comunicação mais presente.

Dos três entrevistados, Silva é a única que não tem cegueira total, tendo visão subnormal. Então, a entrevistada afirma que, mesmo possuindo uma quantidade limitada de visão, o rádio ainda é um elemento determinante para o seu universo visual.

O rádio sempre funcionou para mim como um elemento fundamental, por que como tenho uma visão limitada, as coisas que escuto no rádio são fundamentais para complementarem o que já tenho em mente, você me entende? Então, por exemplo, o programa de rádio que mais gosto é o da Fátima Miranda⁷, então quando ela fala alguma coisa sobre algum país, é logo que vêm as imagens na minha mente. Aí, eu me pergunto, meu Deus e se não existisse o rádio para falar e mostrar o mundo para quem é cego, o que seríamos de nós? Sinceramente, acho que seríamos seres incompletos.

Mais um entrevistado que colaborou com a concretização do presente trabalho de pesquisa foi o senhor Durval Mendes Barrados⁸, 44 anos e deficiente visual há 22. A partir de suas respostas constatou-se que o rádio é um elemento essencial para a construção da sua história de vida enquanto deficiente visual, acima de tudo para sua formação cultural.

O entrevistado destaca que habitualmente, “eu escuto no rádio algo relativo à cultura, jornalismo e programas de informação. Quanto eu falo de programas culturais, me refiro, por exemplo, a programas de raízes da terra, a nossa cultura nordestina, a cultura cabocla, desde o violeiro, ao sertanejo”.

Dessa forma percebemos o que Ortriwano (1985) afirma que é uma das principais características do rádio é o regionalismo. Para a autora, quando o ouvinte prefere escutar o veículo, ao invés de utilizar os demais meios de comunicação, este está tentando se encontrar na programação do rádio. O ouvinte tenta encontrar na programação radiofônica características da sua região, a sua identidade regional.

Ao ser perguntado há quantos anos o pesquisado ouve rádio, o mesmo relatou que desde que começou a ter noção de mundo. Barrados (2013) afirma que:

⁷ Locutora da rádio Cidade Modelo FM de Picos/PI.

⁸ Entrevista concedida a esta pesquisadora em 04 de janeiro de 2013.



O rádio faz parte da minha vida desde sempre, mas especialmente quando eu perdi minha visão, e eu comecei a tomar o rádio como um amigo, e desde aí, desde o tempo do meu pai, as horas que a gente tinha vagas depois do trabalho a gente estava escutando rádio. Até hoje eu mantenho esse hábito, mesmo com a evolução da tecnologia, a televisão, hoje tem celular, internet e outras coisas mais, mas o rádio para mim é insubstituível.

No tocante a temática do referido artigo, Barrados (2013) relata que, o veículo de comunicação em questão não tem como não ser importante para a imaginação do cego. Segundo ele,

Nós somos (deficientes visuais) guiados pelo som, isso é fato. Mas, também é fato, que ninguém escuta nada sem pensar, sem imaginar, sem criar. Então, quando escuto algo no rádio, imediatamente já vem aquela imagem na minha mente, e é assim, que tenho imagens dos locutores na minha cabeça sem nunca ter visto eles, por exemplo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este trabalho constatou-se que, mesmo com o avanço de tantas tecnologias, o rádio um dos mais antigos meios de comunicação ocupa um lugar de destaque na vida dos deficientes visuais, sendo a ser considerado o veículo de comunicação mais eficiente para o público em estudo.

A pesquisa também aponta, que mesmo não tendo acesso as mais variadas imagens expostas para as pessoas nos dias atuais, os deficientes visuais podem por meio do rádio criar um mundo visual, e acima de tudo ter uma imaginação que não é limitada a uma imagem que já é oferecida pronta, ou seja, através do rádio a imaginação pode fluir e ultrapassar limites.

FONTES DE PESQUISA

ALVES, J. F. Entrevista concedida à Lívia Moreira Barroso. Picos, 02 de janeiro de 2013.

BARRADOS, D.M. Entrevista concedida à Lívia Moreira Barroso. Picos, 04 de janeiro de 2013.

SILVA, L.F.F. Entrevista concedida à Lívia Moreira Barroso. Picos, 03 de janeiro de 2013.



REFERENCIAS BIBIOGRAFICAS

BARBEIRO, H.; LIMA, P. R. de. **Manual de Radiojornalismo**, São Paulo: Campus, 2002.

DUARTE, J. Entrevista em Profundidade. In. DUARTE, J.; BARROS, A. (org). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

FERRARETO, L. A. **Rádio: o Veículo, a História e a Técnica**. 2ª edição. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2001.

GODOY, E. R. **Rádio: o informante dos que não enxergam**. 2002. 107f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, UFSC, Florianópolis. Disponível em <<http://teses.eps.ufsc.br/defesa/pdf/10015.pdf>> Acesso em 07 jul. 2011.

HARTMANN, J.; MUELLER, N. **A comunicação pelo microfone**. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

MCLEISH, R. **Produção de Rádio: um Guia Abrangente de Produção Radiofônica**. São Paulo: Summus, 2001.

MEDITSCH, E. **O Rádio na Era da Informação. Teoria e técnica do novo radiojornalismo**. Florianópolis: UFSC, 2001.

PIERNES, G. **Comunicação e Desintegração na América Latina**. Brasília: UNB, 1990.

QUINTEIRO, E. A. **Estética da voz**. São Paulo: Plexus, 2007.